



### Endereço do Autor:

Sede do Regional Sul IV da CNBB  
Cx. Postal 5178  
89040-970 Florianópolis - SC

### Notas

<sup>1</sup> Cf. Documentos do 8º Plano de Pastoral, 1999-1994, do Regional Sul IV. Acrescentamos citações sobre a presença dos índios como os primeiros habitantes do nosso território e dos negros no processo de colonização. Índios e Negros foram esquecidos na descrição que o 8º plano faz sobre o povoamento (pgs. 32 e 33).

<sup>2</sup> Dados obtidos na Home page da FECAM (Federação Catarinense dos municípios): [www.fecam.org.br](http://www.fecam.org.br).

<sup>3</sup> Cf. artigo publicado no jornal *Gazeta Mercantil* de 17 de janeiro de 2001, com análise feita pelos técnicos do Instituto Cepa/SC, Luiz Toresan e Gilberto de Oliveira.

<sup>4</sup> Publicados no jornal *A Notícia*, em 08/09/200.

<sup>5</sup> Cf. jornal *A Notícia*, de 15/03/98.

<sup>6</sup> Cf. jornal *A Notícia*, de 15/05/98.

<sup>7</sup> Cf. jornal *Diário Catarinense*, de 09/10/96.

<sup>8</sup> *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja em Santa Catarina, 2001-2003. Cf. n.º 7*

<sup>9</sup> *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja em Santa Catarina, 2001-2003. Cf. n.º 1.*

<sup>10</sup> Os dados foram fornecidos pelas coordenações diocesanas de pastoral. A elas creditamos a veracidade das informações. São os números com os quais nossas coordenações trabalham para traçar a caminhada pastoral das dioceses. Os possíveis erros, desconhecimento ou dificuldade de obtê-los ou precisá-los pode ser objeto de excelente reflexão pastoral.

<sup>11</sup> Dados fornecidos pela CRB Regional de Santa Catarina, em 12 de junho de 2001.

<sup>12</sup> Segundo consulta feita as coordenações diocesanas de pastoral que citaram as pastorais que atuam nas dioceses.

<sup>13</sup> Mais uma vez, conforme informações colhidas junto as coordenações diocesanas de pastoral.

<sup>14</sup> Dados fornecidos pelo Cimi Sul, de Chapecó.

<sup>15</sup> *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja em Santa Catarina, 2001-2003. Cf. n.º 46 e ss.*



*O artigo começa refazendo o “caminho da Palavra”, cujo protagonista principal é o Espírito Santo. O autor mostra que esse “caminho” se processa numa tríplice dimensão: do tempo, do espaço, e do testemunho. Esse “caminho” acontece na força do Espírito Santo, na coragem e na liberdade, e no meio dos conflitos. Os discípulos têm consciência de que o Reino de Deus sofre violência, mas conservam-se cheios de ânimo e prosseguem adiante, multiplicando as igrejas. Estas, vão deixando-se orientar por alguns princípios básicos: o da koinonía – comunhão, o da diakonía – serviço, e o da profecia – anúncio e denúncia. Conscientes de que toda opção exige rupturas, os seguidores e as seguidoras de Jesus, nos Atos, vivem permanentemente a caminho e no caminho, em constante atitude de êxodo e de missão.*

## Da Igreja dos Atos à Igreja que sonhamos

Pe. Celso Loraschi

Mestrando em Exegese Bíblica na Faculdade da Assunção, SP, e Professor no ITESC



**N**ós, animadores e animadoras de comunidades, que carregamos no coração a Proposta de Jesus, não podemos deixar de nos questionar diante dos apelos que o mundo de hoje nos lança. A multidão de pessoas excluídas, de diversos rostos, clama por vida digna. É no meio desta gente que queremos nos evangelizar permanentemente. Com esta gente queremos empenhar nossa vida pela defesa e promoção dos direitos humanos. É com esta gente que nos decidimos a construir um modo de ser Igreja que caminhe nas pegadas de Jesus de Nazaré, “com novo ardor, novos métodos e novas expressões”.

Penso que foi com um propósito semelhante que surgiu o livro de Atos dos Apóstolos, ao redor do ano 90 de nossa era. É um tempo em que o grande fervor vivido pela primeira geração de discípulos e discípulas, estava esfriando. Já não se tinha tanta clareza a respeito de Jesus e seu projeto. Culturas e filosofias diversas influenciavam maneiras diferentes de pensar e agir, nem todas voltadas para a defesa e promoção da vida. Conflitos externos levavam a perseguições e mortes dos seguidores e seguidoras de Jesus. Conflitos internos levavam ao perigo de divisões, totalmente contrárias aos ensinamentos do Mestre. Era preciso posicionar-se. Nada de cansaços ou comodismo. Nada de fechamento. O caminho era voltar às origens do Movimento de Jesus e aprofundar o seu significado para o novo contexto em que agora estavam imersas as comunidades cristãs. Era preciso refazer o “Caminho da Palavra”, cujo protagonista principal é o Espírito Santo.

### O Caminho da Palavra

O livro dos Atos dos Apóstolos relata o caminho da evangelização percorrido pela primeira geração de discípulos e discípulas de Jesus. É o prosseguimento do caminho de Jesus relatado no evangelho de Lucas. Isto significa conhecer, acolher e difundir a *Promessa de Salvação de Deus*, realizada em Jesus Cristo. Na língua grega, na qual foi escrito Atos dos Apóstolos, a palavra usada é *epangelía* que pode ser traduzida como “*ação de anunciar, de proclamar, de declarar...*”

Portanto, as comunidades que estão por trás da Obra de Lucas (Evangelho de Lucas + Atos dos Apóstolos) fazem a opção de *declarar a Promessa* que traz vida e salvação a todos os povos: refere-se a Jesus Cristo, morto e ressuscitado, com sua Boa Nova do Reino de Deus. Inicia-se o *Caminho da Palavra* que deverá atingir o mundo inteiro.



O termo *lógos* aparece 58 vezes em Atos dos Apóstolos. Aparece como “*a Palavra*” que, quando acolhida, leva à fé e à conversão (4,4). Aparece como “*Palavra de Deus*” anunciada com toda a intrepidez pelos apóstolos (4,31); sua proclamação é assumida como ministério que exige tempo integral de quem o assume (6,2.4); ela cresce e se multiplica sem parar (12,24). Aparece como “*Palavra do Senhor*” que cresce (6,7), é anunciada e testemunhada em todos os lugares (8,25), difunde-se em toda a região dos gentios (13,49). Assim, vemos Paulo e Barnabé, na primeira viagem missionária, cheios de intrepidez no Senhor, dando testemunho à “*Palavra de sua graça*” (14,3). A mesma expressão é usada por Paulo, em sua despedida da comunidade de Éfeso, quando se dirige aos anciãos: “Recomendo-vos a Deus e à *Palavra de sua graça*, que tem o poder de edificar e de vos dar a herança...” (20,32). Pedro, na Assembléia de Jerusalém, fala da “*Palavra do Evangelho*” proclamada aos gentios e que os levou a abraçar a fé (15,7).

A “*Palavra*”, em Atos dos Apóstolos se confunde com a “*Boa Nova do Reino*”, proclamada por diferentes pessoas e para destinatários diversos: “Os que haviam sido dispersos iam de lugar em lugar, anunciando a *Palavra da Boa Nova*” (8,4). “Quando, porém, acreditaram em Filipe, que lhes anunciara a *Boa Nova do Reino de Deus* e do nome de Jesus Cristo, homens e mulheres faziam-se batizar” (8,12). Filipe também evangeliza um eunuco etíope e continua pelas cidades afora: “Abrindo então a boca, e partindo deste trecho da Escritura, Filipe anunciou-lhe a *Boa Nova de Jesus*” (8,35)... “E, passando adiante, anunciava a *Boa Nova* em todas as cidades que atravessava” (8,40).

Vemos a *Palavra* anunciada nos 24 discursos espalhados ao longo do livro: 8 são de Pedro, 9 de Paulo e 7 de outras personagens. Nestes discursos (especialmente em At 3,13-28; 10,36-46 e 13,17-41) podemos perceber os princípios que constituem o *kerigma* ou o anúncio do que se pode chamar a “profissão de fé” das primeiras comunidades cristãs. É, fundamentalmente, constituído desta proclamação:

- 1º) Jesus é Aquele que os profetas anunciaram;
- 2º) Ele viveu no meio de nós realizando sinais e prodígios;
- 3º) Ele foi crucificado e morto;
- 4º) A este Jesus, Deus o ressuscitou;
- 5º) Foi exaltado à direita de Deus;
- 6º) Enviou-nos o Espírito Santo;
- 7º) Ele voltará;
- 8º) Ele é o Senhor e Salvador;
- 9º) Por isso, convertei-vos...

O *Caminho da Palavra*, portanto, se constitui no anúncio de Jesus



Cristo, a Promessa da Salvação de Deus realizada na história humana, que deve provocar uma reviravolta na vida de quem adere a Ele. Esse “Caminho” se processa numa **tríplice dimensão**: do espaço, do tempo e do testemunho.

### 1ª) Na dimensão do tempo

“Senhor, é agora o tempo (*chrónos*) em que irás restaurar a realeza de Israel?” (At 1,6). Esta pergunta mostra a compreensão equivocada dos discípulos a respeito do Reino de Deus. Eles ainda esperam uma restauração temporal da realeza davídica, elegendo a Jesus como principal líder. O estabelecimento do reino messiânico, porém, não obedece à lógica deste ou daquele grupo. Não busca, igualmente, interesses dominantes de um povo sobre os demais povos. Ele se dá na história humana através dos “*sinais e prodígios*” (At 2,22.43; 4,16.30; 5,12; 6,8; 8,6.13; 14,3; 15,12...), que revelam o tempo favorável de Deus (*kairós*), sempre agindo em favor da vida e salvação de seus filhos e filhas. Cada momento é tempo propício de intervenção divina. Cada momento é tempo decisivo de acolhimento ou rejeição do amor do Pai, derramado sobre todos nós.

A vinda de Jesus é o *kairós* por excelência. O futuro faz-se presente. No Evangelho de Lucas isto está expresso na palavra “*hoje*”, que aparece com frequência: no nascimento de Jesus: “Nasceu-vos *hoje* um Salvador, que é o Cristo-Senhor...” (2,11); no batismo de Jesus, uma voz do céu se fez ouvir: “Tu és o meu Filho, eu *hoje* te gerei...” (3,22); no início do seu ministério público: “*Hoje* se cumpriu aos vossos ouvidos esta passagem da escritura...” (4,21); ao curar um paralisado “o espanto apoderou-se de todos... e diziam: *hoje* vimos coisas maravilhosas” (5,26); ao saber que Herodes quer matá-lo, Jesus manda dizer-lhe: “Ide dizer a esta raposa: eis que eu expulso demônios e realizo curas *hoje* e amanhã e no terceiro dia terei consumado. Mas *hoje*, amanhã e depois de amanhã, devo prosseguir o meu caminho...” (13,32-33). Ao perceber a presença daquele homem escondido entre os galhos de uma árvore, Jesus levanta e os olhos e lhe diz: “Zaqueu, desce depressa, pois *hoje* devo ficar em tua casa...” (19,5); e na casa, diante da conversão de Zaqueu: “*Hoje* a salvação entrou nesta casa...” (19,9); e, finalmente, na cruz, diante do pedido do ladrão que divide a mesma condenação imposta a Jesus: “Em verdade, eu te digo, *hoje* estarás comigo no paraíso” (23,43).

Fiz questão de citar estes textos, pois revelam algo fundamental para as comunidades da obra de Lucas: a Promessa da Salvação já se cumpriu em Jesus. Ela acontece *hoje*, basta acolhê-la. Acolher a Salvação, porém, não é ficar olhando para o céu (At 1,10) e refugiar-se numa atitude espiritualista e desencarnada da história. É, sim, responsabilizar-se pela vida plena de todas as pessoas: liberdade, saúde, pão e amizade! Os mesmos “*sinais e prodígios*”



realizados por Jesus são agora realizados pelas pessoas que o seguem. Jesus permanece vivo e presente nas palavras e ações dos seus discípulos e discípulas que se acolhem, se reúnem, se amam fraternalmente “dia após dia” (At 2,41.47; 4,42...). O tempo faz-se pleno!

### 2ª) Na dimensão do espaço

“... Sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e a Samaria e até os confins da terra” (1,8). Este é o esquema geográfico utilizado pelos Atos dos Apóstolos para mostrar a caminhada da Palavra, desde a ressurreição de Jesus.

Este esquema geográfico determina a própria estrutura literária do livro: de Jerusalém (capítulos 1 a 5) para a Judéia, Samaria e pelo mundo dos pagãos (capítulos 6 a 15) e até os confins do mundo, representado pelo centro do Império: Roma (capítulos 16 a 28).

Os evangelizadores vão “*de lugar em lugar* anunciando a Boa Nova” (8,4...) ou proclamando a Palavra, conforme vimos acima. A mesma atitude itinerante e apressada de Jesus, em seu ministério, na Palestina, é vivida agora pelos seus discípulos. Há um contínuo movimento dos agentes de evangelização, num compromisso missionário, assumido num clima de urgência. Muitos verbos conjugados são indicativos deste dinamismo, como: *prosseguir* (13,51; 16,10.40; 17,10; 18,23...), *levantar-se* (9,6.40; 14,20; 26,16...), *partir* (10,23; 16,10; 18,21...), *embarcar* (13,13; 16,10...). Parece haver uma preocupação constante de preencher todos os espaços possíveis com a Boa Notícia do tempo da Salvação de Deus, realizado em Jesus Cristo. É impossível contê-la.

### 3ª) Na dimensão do testemunho

“Recebereis uma força, a do Espírito Santo que descera sobre vós, e sereis minhas *testemunhas*...” (1,8). A palavra grega *martyria* é freqüente em Atos dos Apóstolos. Refere-se ao *testemunho* de Jesus Cristo dado pelos seus seguidores. O anúncio da Palavra se confunde com o *testemunho* de Jesus, morto e ressuscitado.

Este *testemunho* da ressurreição é o critério para a escolha de Matias, que substitui Judas, no grupo dos Doze (1,22). É o próprio jeito de ser dos Apóstolos junto às comunidades cristãs (4,33). Por causa do *testemunho* de Jesus Cristo, Estêvão é apedrejado (7, 55-66). Ser *testemunha* de Jesus Cristo é argumento de autenticidade da Boa Notícia acompanhada de “sinais e



prodígios”, citado nos discursos de Pedro: em Jerusalém, após a descida do Espírito Santo (2,32) e após a primeira cura de um aleijado (3,15), e na casa de um pagão, Cornélio, em Cesaréia (10,39-43). Também é ponto central da conversão e do anúncio de Paulo em suas viagens missionárias: numa sinagoga em Antioquia da Pisídia (13,46), e em Jerusalém, tentando defender-se contra as acusações dos judeus que querem prendê-lo (22,20) e diante do rei Agripa (26, 12-23) O próprio Senhor aparece a Paulo e lhe dá a missão de *testemunhá-lo* não só em Jerusalém mas também em Roma (23,11).

O *caminho da Palavra* ou da evangelização, portanto, é o mesmo *caminho do testemunho* de Jesus Cristo, morto e ressuscitado. Não há nada e ninguém que possa colocar barreiras neste caminho. Pois quem o trilha tem a garantia da presença e força do Espírito Santo.

## Na força do Espírito Santo

O caminho do testemunho acontece na *força do Espírito Santo*. Em Atos dos Apóstolos encontramos 54 vezes o uso do termo *Pneuma*, referindo-se ao *Espírito Santo*. Sua presença é constante. As pessoas participam da *plenitude do Espírito*: as que estavam reunidas no cenáculo “todas ficaram repletas do Espírito Santo” (2,4). Pedro (4,8), Estêvão (6,5), Paulo (9,17, Barnabé (11,24), Judas e Silas (15,32) são pessoas “cheias do Espírito Santo”. Ele se manifesta na comunidade reunida (4,31), nas igrejas da Judéia, Galiléia e Samaria (9,31). Acontecem *vários Pentecostes*: aos judeus em Jerusalém (2,1-13), aos pagãos na casa de Cornélio (10,44-48), aos discípulos de João na cidade de Éfeso (19,1-7).

O *Espírito* é dom de Deus, prometido por Jesus, que desce com força (1,8; 11,15); traz paz, consolação e alegria às comunidades (9,31; 13,52); indica o caminho a seguir nos momentos de dúvidas e conflitos (11,12); ele orienta em momentos decisivos: na hora da entrada dos gentios (11,15; 10,44-45,48; 15,8), na hora de enviar os missionários (13,2-4), na hora das perseguições e prisões (4,31); está presente nos que animam as comunidades (20,28), nos apóstolos (5,32; 15,28), nos diáconos (6,3); anima a Pedro quando este enfrenta as autoridades (4,8); quando ele toma a decisão de batizar os gentios (10,9, 11,12), mostra que não se deve impor a lei (15,8); anima a Filipe a dialogar com o eunuco etíope (8,29-39); anima a Paulo quando este enfrenta o mago Elimas (13,9), quando se levanta para anunciar a Boa Nova (13,9), e quando tem que voltar para Jerusalém onde será preso (20,22-23); acompanha os missionários nas viagens (16,6-7); age em Estêvão (6,5.10; 7,55); está presente em Barnabé (11,24), em Ágabo (11,28; 21,11); em Ananias, quando vai receber Saulo na comunidade (9,17); nas quatro filhas de Filipe, que



profetizavam (21,9); manifesta-se em Cornélio, um centurião romano, mesmo antes do batismo (10,44-48); também em Apolo (18,25... Enfim, o *Espírito Santo* está totalmente presente e atuante nas comunidades: animando, ajudando a discernir, fortalecendo, impedindo, advertindo, sugerindo, arrebatando... Com total liberdade, o *Espírito* age produzindo frutos de salvação em abundância...

O mesmo *Espírito Santo* esteve presente, desde o início da história da encarnação de Jesus, conforme nos relata o Evangelho de Lucas: Jesus mesmo é fruto da ação do *Espírito Santo* (Lc 1,35); João Batista será *pleno do Espírito Santo* (1,15); Maria e Isabel ficam *repletas do Espírito Santo* (Lc 1,41), e também Zacarias (1,67), também o velho Simeão (2,25-27); o *Espírito Santo* desce sobre Jesus, no momento do seu batismo (3,22); conduz Jesus para o deserto onde será tentado (4,1); Jesus volta para a Galiléia sob a *força do Espírito Santo* (4,14); na sinagoga escolhe um trecho da sagrada escritura, do profeta Isaías, o qual diz que “o *Espírito Santo* está sobre mim, ele me ungiu...” (4,18); é no *Espírito Santo* que Jesus exulta de alegria e louva a Deus pelos pequeninos que acolhem a sua Palavra (10,21); Jesus promete que o *Pai dá o Espírito Santo* a quem o pedir (11,13) e, portanto, os discípulos não precisam se preocupar, porque o *Espírito Santo* virá em auxílio deles (12,12); e, ainda, Jesus recomenda, antes de sua Ascensão, que permaneçam em atitude de espera do *dom do Espírito Santo* que o Pai prometeu (24,49).

Agora, as comunidades seguidoras de Jesus podem contar com a mesma *dýnamis do Espírito* que animava a Jesus de Nazaré. É o dinamismo transformador d’Aquele que gera a novidade do Reino de Deus na história dos homens e mulheres, não importa o lugar e nem a raça. O dom gratuito da Salvação, dado por Deus Pai em Jesus Cristo, morto e ressuscitado, na força do Espírito Santo, atinge agora todas as pessoas de todas as raças e culturas. A compreensão desta novidade leva os seguidores de Jesus a assumir uma vida de total coragem e liberdade interior.

## Na coragem e na liberdade

A palavra grega que traduz a atitude de ousadia e coragem é *parrêsia*. Ela aparece com muita freqüência no livro de Atos dos Apóstolos. Normalmente é traduzida por *intrepidez, coragem, audácia ou segurança*. É o modo de ser, de agir e de falar decorrente da presença do Espírito Santo que age nas pessoas seguidoras de Jesus.

É uma atitude que leva as próprias autoridades do Sinédrio a ficarem

estupefatas: “Ao verem a *intrepidez* de Pedro e João, e verificando que eram homens iletrados e sem posição social, ficaram admirados” (4,13). A Palavra de Deus é anunciada com toda a *intrepidez* (4,31). Saulo, logo após sua conversão, em Damasco fala com *intrepidez*, no nome de Jesus” (9,27). Também em Jerusalém, ele “ia e vinha entre eles, falando com *intrepidez* no nome do Senhor” (9,28). Também Paulo e Barnabé, em sua primeira viagem missionária, falam com *toda a intrepidez*, em Antioquia da Pisídia, apesar da forte oposição de alguns judeus (13,46). Também em Icônio, eles se mostram “cheios de *intrepidez* no Senhor, que dava testemunho à palavra de sua graça e concedia que se realizassem sinais e prodígios por meio de suas mãos” (14,3). Também Apolo, um judeu eloqüente e instruído nas escrituras, chegando a Éfeso, “falava e ensinava com exatidão o que se refere a Jesus... e começou a falar com *intrepidez* na sinagoga (18,25-26). Ainda Paulo, em sua terceira viagem missionária, na sinagoga de Éfeso, “e durante três meses, falou com *intrepidez*, expondo e tentando persuadir a respeito do Reino de Deus (19,8). Também expõe e se defende com *toda a audácia* diante do rei Agripa e do governador Festo (26,25-26). É narrando esta mesma atitude de Paulo, em Roma, que o redator de Atos fecha a sua obra: “Proclamando o Reino de Deus e ensinando o que se refere ao Senhor Jesus Cristo com *toda a intrepidez* e sem impedimento” (28,31).

Os discípulos têm consciência que a *parrêsia* é dom de Deus, fundamental para o anúncio da Boa Notícia do Senhor Jesus, que continua agindo em favor da liberdade e da vida. Por isso, em situação de perseguição, eles rezam: “Senhor, concede a teus servos que anunciem *com toda a intrepidez* tua palavra, enquanto estendes a mão para que se realizem curas, sinais e prodígios, pelo nome do teu santo servo Jesus” (4,29-30).

## No meio de conflitos

O caminho da palavra se faz no meio de constantes e diversificadas situações de conflitos. O termo grego que expressa estas situações é *thlýpsis*. A novidade vivida e pregada pelos discípulos de Jesus provoca reações de todos os tipos. Começa no centro religioso judaico. O pessoal do Sinédrio e os rabinos judeus não aceitam pacificamente a nova concepção de fé e de salvação, desencadeada pelo movimento de Jesus. As incompreensões e as perseguições não demoram a se manifestar. Vão crescendo, rapidamente, a ponto de Estêvão ser preso e assassinado (6,8-7,60). É assassinado também Tiago, irmão de João (12,2). São várias as acusações e prisões a que são submetidos os que seguem a Jesus (4,1ss.; 5,17ss.; 12,1ss.; 16,16ss.; 18,12ss.; 21,27ss...).

Como acontecera com o Mestre Jesus, assim acontece com seus

discípulos. Não têm onde reclinar a cabeça: “Aqueles que haviam sido dispersos desde a *tribulação* que sobreviera por causa de Estêvão, espalharam-se até a Fenícia, Chipre e Antioquia...” (11,19). A experiência do sofrimento marca o cotidiano da vida de quem se decide a seguir as pegadas de Jesus. Os missionários Paulo e Barnabé “confirmavam o coração dos discípulos, exortando-os a permanecerem na fé e dizendo-lhes: ‘É preciso passar por muitas *tribulações* para entrarmos no Reino de Deus’” (14,22).

## O Reino de Deus sofre violência

O Reino de Deus provoca *conflitos*, porque:

- 1) É contrário a tudo o que prejudica a vida humana e a tudo o que marginaliza as pessoas. Os sinais e prodígios realizados pelos discípulos em nome de Jesus devolvem a saúde e a vida e integra os excluídos na sociedade (3,1-10; 5,15-16; 8,7; 9,32-42; 14,8-10...).
- 2) Exige mudança de mentalidade e de atitudes (2,37-41; 3,25,26; 5,1-11...).
- 3) Exige novos parâmetros de interpretação da Sagrada Escritura (2,12-36; 7,1-543; 10,1-43...).
- 4) Exige acolhida, diálogo e superação das barreiras sexuais (6,1-6), raciais e culturais (8,26-40; 10,34-35; 15,1ss...).

Trata-se de seguir o caminho da conversão, de acordo com a profissão de fé em Jesus Cristo. Este caminho tem conseqüências. É o Espírito Santo quem mantém a consciência viva destas conseqüências do seguimento de Jesus, como testemunha Paulo aos presbíteros de Éfeso: “Eu servi ao Senhor com toda a humildade, com lágrimas e no meio das provações que me sobrevieram... De cidade em cidade, o Espírito Santo me adverte dizendo que me aguardam cadeias e tribulações. Mas de forma alguma considero minha vida preciosa a mim mesmo, contanto que leve a bom termo a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus: dar testemunho do Evangelho da graça de Deus” (20, 19-24).

O Reino de Deus sofre violências, mas isto não pode ser motivo de desânimo, nem de tristeza. Na verdade, é o selo de autenticação da prática transformadora de Jesus, continuada pelas comunidades cristãs.

## Cheios de ânimo

A palavra grega *euthymía* expressa atitudes de bom ânimo, alegria e confiança. É o que constatamos nas comunidades primitivas, ao lermos o



livro de Atos dos Apóstolos. Mesmo em meio às constantes situações de *thlýpsis*, as pessoas que continuam a prática de Jesus, estão repletas de *euthymía*.

Já no primeiro retrato das comunidades cristãs, vemos que “dia após dia, *unânimes* (num só ânimo)... partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração” (2,46). *Unânimes*, também, se encontraram após Pedro e João serem perseguidos, e louvavam a Deus (4,24). Também vemos que “as multidões atendiam *unânimes* ao que Filipe dizia... E foi grande a alegria naquela cidade” (8,6-8). Mesmo diante dos tribunais, a disposição se mantém firme e livre, como a de Pedro e João que, no recinto do Sinédrio “*se alegraram* imensamente por terem sido achados dignos de sofrer afrontas por causa do Nome” (5,41) ou como a de Paulo diante do governador Félix: “... de *bom ânimo* passo a defender a minha causa” (24,10).

O ministério da evangelização implica em sustentar o *ânimo* das pessoas nos momentos de dificuldades: “Apesar de tudo, porém, exortovos a *que tenhais ânimo...*” (27,22.25.36). É bom conferir também com que *ânimo* Paulo exorta os anciãos de Éfeso ao despedir-se deles, cheio de afeição e ternura (20,17-38).

## Para um novo jeito de ser Igreja

“Igreja” é uma palavra derivada do termo grego *Ekklêsía*. Conforme o dicionário bíblico, “no grego clássico, significava a assembléia dos cidadãos de uma cidade com objetivos legislativos ou deliberativos. Tal assembléia reunia somente os cidadãos que gozavam de plenos direitos”. Portanto, não tinha, inicialmente, um sentido religioso. Foi adotado, porém, pela tradução grega da Bíblia – a Septuaginta – para traduzir o termo hebraico *qâhâl* que significa “a assembléia religiosa dos israelitas”.

As comunidades cristãs adotaram este termo, como encontramos em Atos dos apóstolos, com o sentido de reunião ou assembléia de todas aquelas pessoas que acreditavam em Jesus Cristo. É concebida como a que sucede, legitimamente, a assembléia dos israelitas. No entanto, o conflito de relações entre as igrejas cristãs e o judaísmo não tarda a acirrar-se, sobretudo quando as comunidades vão admitindo a participação de pessoas estrangeiras com plenos direitos, sem a necessidade de passarem pelo judaísmo e de se submeterem às prescrições da lei judaica. Esta questão é resolvida, pelo menos teoricamente, no Concílio de Jerusalém, conforme nos relata Atos 15.

Nas 23 vezes que aparece a palavra *ekklêsía*, nos Atos dos Apóstolos, elarefere-se às igrejas locais: de Jerusalém, de Antioquia, de



Corinto, de Éfeso, de Derbe, Listra, Icônio... Uma única exceção, talvez, é a de 20,28, onde a expressão *Igreja de Deus* ultrapassa a dimensão local. Mesmo que se ressalte a comunidade de Jerusalém como igreja-mãe e modelo para as outras igrejas, cada igreja local passa a ser considerada *ekklêsía*, no mesmo sentido em que o título era dado à comunidade de Jerusalém. Cada igreja vai tendo um jeito próprio de ser, respondendo aos desafios emergentes, sejam eles de ordem econômica, religiosa ou política, buscando encontrar caminhos de vida plena para todas as pessoas. Em outras palavras, cada igreja vai tendo sua organização e autonomia próprias, unidas nos princípios fundamentais que caracterizam uma comunidade cristã, com base na prática de Jesus de Nazaré.

## Princípios orientadores das igrejas cristãs

Ao fazermos a pergunta pelos princípios orientadores que definem o rosto das comunidades cristãs, não podemos esquecer que o evento Jesus de Nazaré desencadeia diversos cristianismos originários, de acordo com o contexto em que se encontravam seus seguidores e seguidoras. Para o nosso estudo, interessa-nos o “cristianismo da obra de Lucas”, sobretudo conforme está delineado nos Atos dos Apóstolos. São princípios decorrentes da fé do poder salvífico da morte de Jesus que, por sua ressurreição, tornou-se o único Senhor. A aceitação desta verdade implica em seguir seus ensinamentos e mergulhar (batizar-se) numa nova prática que se expressa pela *koinonía*, pela *diakonía* e pela *profecia*.

### 1ª) *Koinonia* – Igreja como comunidades de pessoas que se relacionam na igualdade e na fraternidade

Os cristãos e cristãs de Atos dos Apóstolos, conforme podemos perceber, sobretudo, pela descrição dos três “retratos de comunidades” (2,42-47; 4,32-35 e 5,12-15), reuniam-se frequentemente nas casas. Aí partilhavam o pão e a amizade, numa impressionante “*comunhão fraterna*” a ponto de se sentirem “*um só coração e uma só alma*”. A comunidade provocava nos seus participantes atitudes de solidariedade, tão radicalmente assumidas, que chegavam a vender bens próprios e colocar o seu valor *em comum*. Por isso, “*não havia necessitados entre eles*”.

Estas atitudes decorrem do entendimento adquirido a partir do ensinamento dos apóstolos, ou seja, das pessoas testemunhas da prática de Jesus de Nazaré. Esta prática é permanentemente lembrada, celebrada e atualizada na vida das comunidades. Aí acontecem os mesmos “sinais e prodígios” realizados por Jesus: pessoas doentes são curadas (3,1-10; 5,15; 9,32-35; 14,8-10; 19,11-12...), possesores de ideologias demoníacas são



libertados (5, 16; 16,16-18), mortos são ressuscitados (9,36-42; 20,7-12), pobres e marginalizados são socorridos e integrados (6,1-6). A participação é de “homens e mulheres” (1,14; 5,14; 8,12; 9,2...), de judeus e gentios (2,5-11; 8,26-40; 10,1-48; 15,7-21...) pois “Deus não faz distinção de pessoas” (10,34). A comunidade, constituída de pessoas que se relacionam na *igualdade e na fraternidade*, só pode produzir frutos de liberdade e vida em abundância para todos. É o princípio da *koinonia* que caminha bem abraçado ao princípio da *diakonia*.

### 2ª) *Diakonia* – Igreja como comunidades de pessoas que se colocam a serviço umas das outras

As igrejas vão se organizando e se auto-compreendendo como grupos de pessoas que se amam mutuamente e se colocam a *serviço umas das outras*. Na trilha do ensinamento de Jesus, servo do Pai, os cristãos tornam-se agentes do Reino, através do serviço mútuo, segundo os dons e carismas de cada um. O termo grego que melhor caracteriza esta realidade é *diakonía*, em latim: *ministerium*. É aplicado para designar o *serviço* realizado por algum membro da comunidade (1,17.25; 6,4; 20,24; 21,19; 26,16...).

Em Atos dos Apóstolos percebemos uma multidão de homens e mulheres participando de todo este movimento de evangelização, que cresce e se espalha pelo mundo inteiro. Podemos conferir, resgatando as pessoas aí nominadas:

Pedro e João, Tiago e André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus, Tiago, filho de Alfeu, e Simão, o Zelota; e Judas, filho de Tiago, algumas mulheres junto com Maria, a mãe de Jesus e os irmãos dele (1,13-14); José, também chamado de Barsabás e Matias (1,23); José a quem foi-lhe dado o nome de Barnabé (4,36); os jovens (5,6.10); Gamaliel (5,34); as viúvas (6,1); Estêvão, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timon, Pármenas e Nicolau (6,5); sacerdotes que aderem à fé (6,7); homens piedosos (8,2); o eunuco etíope (8,26); Saulo ou Paulo (9,1); Ananias (9,10); os discípulos (9,25); Simão, o curtidor (9,43); Enéias (9,33); Tabita ou Dorcas (9,36); Cornélio (10,1); Maria e João Marcos (12,12) Simeão ou Níger, Lúcio de Cirene e Manaém (13,1); Sérgio Paulo (13,7); Judas e Silas (15,31); Timóteo (16,1); mulheres (16,13); Lídia (16,14); mulheres da sociedade (17,4); Jasão (17,5); Dionísio e Dâmaris (17,34); Áquila e Priscila (18,2); Tito Justo (18,7); Crispo (18,8); Sóstenes (18,17); Apolo (18,24); doze homens (19,7); Sópatro, Aristarco, Segundo, Gaio, Tíquico e Trófimo (20,4-5); quatro filhas de Filipe (21,9); Ágabo (21,10); os irmãos (1,15; 11,29; 15,36; 17,10; 18,27; 21,17; 28,14...). Temos ainda uma multidão de convertidos, que abraçam a fé, tornando-se discípulos e discípulas...

Estas pessoas todas, participantes das comunidades espalhadas por todos os lugares, contribuem na grande *diakonia* do Reino de Deus. De muitas delas se fala dos serviços específicos que realizavam:

**Apóstolos:** além dos Doze (1,12-13.25-26), temos outros “enviados” como Barnabé e Saulo (13,2); João Marcos (13,5); Judas e Silas (15,27); Timóteo (16,1)...

**Profetas e profetisas:** Alguns profetas, entre os quais Ágabo (11,27); Barnabé, Simeão cognominado Níger, Lúcio de Cirene, Manaém e Saulo (13,1); Judas e Silas também eram profetas (15,32); as quatro filhas de Filipe (21,9)...

**Doutores:** os mesmos profetas de 13,1 citados acima. Esta lista de cinco pessoas provavelmente representa os animadores da Igreja de Antioquia...

**Episcopos ou guardiães:** na igreja de Éfeso (20,28)...

**Presbíteros ou anciãos:** em geral (11,30; 15,22); em cada igreja, designados pelos apóstolos (14,23); na igreja de Éfeso (20,17)...

Temos também o **ministério da oração e da palavra** assumido pelos Doze (6,4); o **ministério das mesas** ou de administração dos bens, em vista das pessoas necessitadas, para o qual foram escolhidos sete helenistas (6,2); constatamos ainda a presença de pessoas a quem podemos atribuir o **ministério de acolhida e de animação** das comunidades: Maria, a mãe de João Marcos, em cuja casa se reunia uma igreja (12,12); algumas mulheres em Filipos se tornam o primeiro grupo a acolher o Evangelho, entre as quais está Lídia, a negociante de púrpura, que faz questão de acolher os missionários (16,11-15); o casal Priscila e Áquila, em cuja casa, em Corinto, se hospeda Paulo. Este casal também toma a iniciativa de instruir Apolo a respeito do Caminho de Jesus (18,26).

A Igreja da *koinonia* e da *diakonia* só se torna viável quando seus participantes se decidem a fazer uma opção radical pelo modo de viver do próprio Jesus. Isto significa romper com a idolatria do poder em sua tríplice dimensão: econômica, política e religiosa. Entramos no princípio da *profecia*.

### 3ª) *Profecia* – Igreja como comunidades de pessoas que rompam com a ideologia do poder

Como vimos, há profetas e profetisas nas comunidades cristãs. A *profecia* é um dos ministérios que se caracteriza pela pregação da Palavra. No esquema de Lucas, os profetas da Primeira Aliança anunciaram a Promessa de um Salvador, culminando no movimento do profeta João Batista. A partir daí, conforme percebemos em Lucas 16,16, “é anunciada a Boa Nova do Reino de



Deus, e todos se esforçam para entrar nele, com violência”. Refere-se ao tempo do ministério de Jesus e das comunidades cristãs que, como vimos anteriormente, no meio de tantos conflitos, procuram seguir a Proposta do Reino.

Jesus se insere dentro da *tradição profética* que, num contexto de dominação interna pela Monarquia ou externa pelos sucessivos domínios estrangeiros, procura resgatar o *projeto da Aliança* de Deus com o seu Povo. A Monarquia e as dominações estrangeiras quebraram esta Aliança. Não bastasse isso, o sistema de Pureza do Templo, vem se estabelecer com uma força tal, que não é possível mais viver normalmente sem estar violando alguma lei. . As conseqüências de tudo isto foram muito pesadas para o povo, sempre mais abandonado, indefeso e oprimido.

A opção de Jesus é muito clara nos Evangelhos. No evangelho de Lucas – o primeiro volume de sua obra - no capítulo 4,1-13, vemos Jesus enfrentar-se com a proposta do diabo que aí, claramente, está caracterizada pelas *três dimensões do poder*: - a econômica (“manda que esta pedra se transforme em pão”); - a política (mostrando-lhe todos os reinos da terra, o diabo disse-lhe: “eu te darei todo este poder com a glória destes reinos... se te prostrares diante de mim”); - a religiosa (colocando-o sobre o pináculo do templo, disse-lhe: “atira-te para baixo, porque está escrito... os anjos te guardem... eles te tomarão pela mão...”).

Jesus, plenamente humano e solidário com todos os humanos, é tentado durante toda a sua vida (este é o sentido dos 40 dias) pelas jogadas do poder diabólico (sabemos que a palavra “diabo” refere-se àquele que lança divisão). Porém, unido ao Pai e aos pobres, rompe decisivamente com o que impede a *fidelidade à Aliança*, único caminho que garante vida e liberdade para todas as pessoas.

É por isso, com certeza, que, logo depois, vemos Jesus entrando numa sinagoga e, fazendo a leitura de um texto do profeta Isaías, ele proclama o seu *programa de vida* (Lc 4,18-19): sua missão será *junto às vítimas do poder*: os pobres, os presos, os cegos e os oprimidos. No meio desta gente, a Boa Nova do Reino vai se tornar uma feliz realidade.

Todo o ministério de Jesus, através de suas palavras e ações, será exercido a partir do lugar social das pessoas que o poder político-econômico-religioso quer manter sob suas garras. Por isso, sua prática será de evangelizar os pobres, devolver a vista aos cegos, libertar os presos e oprimidos... Sua prática é de abrir as possibilidades de novas relações, onde a posse de bens dá lugar à *partilha* segundo a necessidade de cada pessoa (Lc 9,12-17), onde a atitude de dominação dá lugar ao *serviço mútuo* (22,24-27) e onde o



sistema religioso excludente dá lugar aos “*céus abertos*” (3,21) para todas as pessoas, pois faz-se presente “*hoje*” a salvação de Deus.

## Toda opção exige rupturas

Os mesmos desafios enfrentados por Jesus, serão também os dos seus seguidores e seguidoras. É o que constatamos no segundo volume da obra de Lucas, o livro de Atos dos Apóstolos. Ao organizar-se em comunidades de *koinonia e diakonia*, os homens e as mulheres vão aprendendo a romper com toda espécie de dominação, venha ela do sistema de pureza do judaísmo, das manipulações do império romano ou das filosofias gregas. Isto vai se dando no meio da *thlýpsis*, mas com *parrésia e euthymía*, frutos da *dýnamis* do Espírito Santo.

Assim, constatamos que numa Igreja – comunidades de *koinonía e diakonía*, não se pode suportar exemplos como o de Ananias e Safira (5,1-11), onde os bens não são administrados de forma transparente; como o de Simão (8,9-24), um fabricante de ilusões, cuja intenção é tirar proveito próprio manipulando o povo; como o de Elimas (13,4-12), o mágico que quer impedir a evangelização dos missionários; como o dos patrões (16,16-18) que, explorando os dons de uma jovem escrava e vendo-a liberta pela ação dos missionários, torturam-nos e prendem-nos, tentando impedi-los de continuar a evangelização; como o dos exorcistas judeus (19,11-20), que usam o nome de Jesus para realizarem milagres em proveito próprio; ou como os dos ourives (19,23-40) que, perdendo a freguesia e o lucro, investem contra os missionários...

Também não se pode suportar a mentalidade fechada de um bom grupo de judeus-cristãos, que querem impedir a participação de gentios no movimento de Jesus. Alguns até queriam impor a circuncisão, como condição, para a aceitação dos estrangeiros. Talvez seja este um dos principais conflitos enfrentados pelas comunidades cristãs primitivas e que valeu a convocação de uma assembléia especial (At 15).

Como vemos, toda opção exige rupturas. O seguimento de Jesus exige atitudes radicais em vista da fidelidade à proposta de vida livre, igualitária e fraterna para todas as pessoas, sem exclusões. Este é o princípio da *profecia* que está na base da Igreja, sinal do Reino no meio do mundo, sempre a caminho.

## Em permanente caminhada

As comunidades dos seguidores e seguidoras de Jesus, em Atos dos Apóstolos, são identificadas como “*o Caminho*”. Assim vemos Saulo



prendendo o pessoal pertencente “ao Caminho” (9,2); Apolo “tinha sido instruído no caminho do Senhor... Começou a falar com intrepidez na sinagoga. Tendo-o ouvido, Priscila e Áquila tomaram-no consigo e, com mais exatidão, expuseram-lhe o Caminho” (18,24-26); em Éfeso, alguns falavam mal do Caminho (19,9), também houve um tumulto por causa do Caminho (19,23); Paulo, ao narrar sua vida, conta que perseguiu de morte este Caminho (22,4) e confessa diante do governador romano: “é segundo o Caminho, a que chamam de seita, que eu sirvo a Deus...” (24,14) e o governador Félix era muito bem informado no que concerne ao Caminho (24,22)...

Portanto, “o Caminho”, em Atos dos Apóstolos, é a indicação de uma maneira original de viver, a partir da fé em Jesus Cristo. Na obra de Lucas aparecem 75 vezes os termos “caminho/caminhar/andar”. No evangelho vemos Jesus em constante caminhar, ensinando e realizando ações de libertação. É na caminhada da Galiléia para Jerusalém que Jesus vai educando seus discípulos e discípulas no verdadeiro caminho do seu seguimento. É na caminhada da Palavra, de Jerusalém para os confins do mundo, que os cristãos e cristãs vão aprendendo a dar testemunho de Jesus Cristo.

Podemos dizer que, no sentido teológico e também sociológico, no contexto das comunidades de Atos dos Apóstolos, o Caminho nos aponta para um dinamismo missionário, em constantes atitudes de êxodo:

- de Jerusalém, para o mundo...
- do templo, para as casas...
- do sistema de pureza, para a Tradição da Aliança...
- do legalismo excludente, para o amor misericordioso e acolhedor, sem exclusões...
- de um único povo da Promessa, para a Promessa de Salvação a todos os povos...
- da verdade de uma cultura/religião, para caminhos diversos que promovem a vida...
- da uniformidade/rigidez de doutrina, para o diálogo com as diversas culturas...
- do poder do dinheiro e da eloquência, para o amor eficaz a partir dos pequenos e pobres...
- do acúmulo de bens, para a partilha comunitária...
- da dominação, para o serviço mútuo...
- do centralismo religioso, para a autonomia das comunidades na obediência ao Projeto do Reino...
- da timidez, do medo, do comodismo e do desânimo, para a intrepidez, ousadia, bom ânimo...
- dos “Doze” israelitas (1,12-26), para os “Sete” helenistas, incluindo as viúvas (6,1-6), para as 120 pessoas (1,15), para três mil (2,41),



para cinco mil (4,6), para multidões de homens e mulheres (5,14) de todas as nações que há debaixo do céu (2,5)...

Os “céus estão abertos” para todas as gentes! Conforme a profecia de Joel, citada em Atos 2, 17-21, **a Igreja – comunidades de koinonía, diakonía e profecia** - vive a era do Espírito Santo, derramado em abundância sobre toda carne: *os filhos e filhas profetizarão, os jovens terão visões e os velhos sonharão; os servos e servas receberão o Espírito do Senhor e haverá sinais e prodígios no céu e na terra...*

Enfim, compreendemos “que Deus não faz acepção de pessoas, mas que, em qualquer nação, quem o teme e pratica a justiça lhe é agradável” (10,34).

## Sonho que se sonha juntos, já é realidade!

Procurei levantar algumas “notas” que revelam o rosto das comunidades cristãs, conforme podemos perceber na obra de Lucas, sobretudo no seu segundo volume, o livro de Atos dos Apóstolos. A partir delas, podemos levantar questionamentos a respeito de nós: Igreja – Comunidades Eclesiais de Base, hoje. Como atualizar estas notas e torná-las “o Caminho” de vida em abundância para todas as pessoas, neste novo milênio, é missão de cada um de nós.

Certamente ainda estamos longe da Proposta de Jesus. Porém, não podemos deixar de constatar os “sinais e prodígios” que o Espírito realiza hoje em tantos lugares, começando bem dentro e bem perto de cada um de nós. O sonho vai se tornando realidade na medida em que nós, mulheres e homens, jovens e crianças o sonharmos juntos...

Sugiro, para quem deseja, além da Bíblia, uma pequena bibliografia, na qual me baseei para dialogar com as comunidades dos Atos dos Apóstolos, sempre numa perspectiva pastoral, no intuito de contribuir para a animação de uma Igreja que se organiza a partir da base, em vista da vida digna para todas as pessoas, sem exclusões.

## Bibliografia

1. CNBB, *Que Novidade é Essa? – Uma Leitura dos Atos dos Apóstolos*, Coleção Ser Igreja no Novo Milênio, 2000.
2. Centro Bíblico Verbo, *No Caminho das Comunidades... Atos dos Apóstolos: Roteiros e Subsídios para Encontros*, São Paulo, Paulus, 2001.



3. MOSCONI, Luís, *Atos dos Apóstolos – Como ser Igreja no início do terceiro milênio?*, 2ª edição, São Paulo, Paulinas, 2001.
4. VV.AA., *Atos dos Apóstolos: ontem e hoje*, Coleção Estudos Bíblicos 3, 3ª edição, Petrópolis, Vozes, 1989.
5. VV.AA., *O Espírito Santo, Formador de Comunidades*, Coleção Estudos Bíblicos 45, Petrópolis (Vozes) e São Leopoldo (Sinodal), 1995.
6. CEBI, *Comentário aos Atos dos Apóstolos*, 5ª edição, São Paulo, Paulinas, 1983.
7. CEBI, *Evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos*, Série Roteiros para Reflexão VIII, São Paulo, Paulus, 1999.
8. STORNILOLO, Ivo, *Como ler os Atos dos Apóstolos – O Caminho do Evangelho*, Série “Como ler a Bíblia”, 2ª edição, São Paulo, Paulus, 1993.
9. COMBLIN, José, *Atos dos Apóstolos*, Vol I e II, Coleção Comentário Bíblico, Petrópolis (Vozes), São Bernardo do Campo (Imprensa Metodista) e São Leopoldo (Sinodal), 1989.
10. VV.AA., *Uma Leitura dos Atos dos Apóstolos*, 2ª edição, Coleção Cadernos Bíblicos, São Paulo, Paulinas, 1983.
11. LOHFINK, Gerhard, *Como Jesus queria as Comunidades – A dimensão social da fé cristã*, Coleção Temas Bíblicos, São Paulo, Paulinas, 1987.
12. LOHFINK, Norbert, *A Igreja dos meus Sonhos*, Coleção Comunidade e Missão, São Paulo, Paulinas, 1986.
13. AGUIRRE, Luis Pérez, *A Igreja em Crise – Questões Pendentes para seu Terceiro Milênio*, Série Religião e Cidadania, São Paulo, Editora Ática, 1993.
14. MACKENZIE, John L., *Dicionário Bíblico*, 4ª edição, São Paulo, Paulus, 1984.
15. PEREIRA, Isidro, *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, 7ª edição, Braga, Livraria Apostolado da Imprensa, 1990.

**Endereço do Autor:**

Paróquia Sagrada Família  
R. João José Godinho, s/n  
Bairro Frei Rogério  
88.508-420 – LAGES - SC



*Inspirando-se no texto de Atos 11,1-18, o artigo reflete a problemática que mais agitou as primeiras comunidades, a começar da comunidade-mãe de Jerusalém: afinal, era ou não necessária a circuncisão? era ou não proibido conviver com os incircuncisos, pôr-se à mesma mesa com eles? Após situar o contexto da perícopre, e examinar sua estrutura e vocabulário, o autor chama a atenção para os problemas em causa, reflete sobre o sistema do “puro e impuro”, e sugere algumas conclusões para a nossa prática hoje.*

## Uma Igreja sem proibições?

A propósito de Atos 11,1-18

Pe. Ney Brasil Pereira

Mestre em Ciências Bíblicas e professor no ITESC

Artigos

